Rio Sergipe, um curso d’ água agonizante.

22/09/2006

Não obstante toda polêmica que envolve o rio São Francisco, muito pouco tem sido dito sobre o rio Sergipe. Nos seus *aproximados* 210 Km de extensão, desde sua nascente, no município de Nossa Senhora da Glória até sua foz no Oceano Atlântico, entre as cidades de Aracaju e Barra dos Coqueiros, esse rio assiste em sua bacia hidrográfica 1.010.523 habitantes, ou 56,6% da população sergipana.

FREDERICO LISBÔA ROMÃO

A campanha eleitoral tem trazido à tona discussão sobre a urgência da revitalização do Velho Chico. Ataques, acusações e números, muitas vezes carentes de confirmações isentas, são apresentados ao cidadão eleitor. É uma discussão que a despeito de todos os exageros e afirmações aterrorizadoras, hegemoniza, ao menos, um elemento de positividade: O RIO SÃO FRANCISCO NÃO PODE SER TRANSPOSTO ANTES QUE OCORRA SUA REVITALIZAÇÃO. Não obstante toda polêmica que envolve o rio São Francisco, muito pouco tem sido dito sobre o rio Sergipe, no entanto, a publicação do livro *Rio Sergipe: Importância, vulnerabilidade e preservação*, reunindo pesquisas sob a organização de Alves (2006) dão conta que este rio genuinamente sergipano falece rapidamente em muitos dos seus sinais vitais.

É urgente que a discussão avance para o rio Sergipe. Nos seus *aproximados* 210 Km de extensão, desde sua nascente, no município de Nossa Senhora da Glória até sua foz no Oceano Atlântico, entre as cidades de Aracaju e Barra dos Coqueiros, esse rio assiste em sua bacia hidrográfica 1.010.523 habitantes, ou 56,6% da população sergipana. Suas águas drenam 16,7% das terras do estado, atingindo 26 municípios, nos quais se localizam 47% do total de estabelecimentos industriais cadastrados (Rocha, 2006).

Não obstante ser elemento vital para a maioria da população de Sergipe, abastecendo, via água encanada, 85,2% ou 116.689 dos domicílios existentes na sua bacia, o balanço hídrico ao longo da sua bacia explicita atualmente um déficit na grande maioria da sua extensão. A demanda de água desta bacia para os mais variados usos é de 259.351 m3/dia, entretanto, a mesma tem capacidade de gerar apenas 54,9 mil m3/dia, conformando um déficit em torno de 80%.

Permanecendo a forma de uso atual a perspectiva é de ampliação desse déficit. Atualmente a falta de água é suprida pela transposição do rio São Francisco através do sistema de adutoras (Rocha, 2006).

Os números apresentados denotam por si só a importância do rio Sergipe que generosamente tem fornecido água e alimento para inúmeras gerações, mas recebe em troca dejetos, descuido e deszelos. Desde maio de 1925, quando foi de uma vez por todas esclarecido que o rio a separar a nova capital Aracaju do povoado Barra dos Coqueiros era o Sergipe e não o Cotinguiba, como se pensava até então (Alves, 2006), ele vem sendo impactado negativamente pela resultante das ações do homem no seu projeto modernista.

Dos domicílios que abastece, apenas 38,7% possuem rede de esgoto, com o agravante de parte significativa desse esgotamento não passar por tratamento adequado (Rocha, 2006; Araújo, 2006). O efluente do Distrito Industrial de Aracaju (DIA) foi abandonado a mais de 15 anos sendo despejado diretamente no rio Poxim (Alves e Garcia, 2006).

Soma-se a isso o fato de não haver tratamento apropriado para os resíduos sólidos que são depositados em grandes lixeiras concorrendo para contaminação dos cursos d’ água.

Contribui ainda para a degradação da bacia, uma urbanização apressada, ecologicamente insustentável, especialmente em Aracaju, acelerando a instável situação da sua *barra ou embocadura*. Ao longo de quase dois séculos o rio viu sua foz se transformar por três vezes até assumir a formação atual. Muitos com certeza se admirarão em saber que no ano de 1823, *ano do registro cartográfico mais antigo*, esse rio desaguava nas *proximidades do Hotel Beira Mar*. Essa instabilidade, característica marcante da foz do rio Sergipe, implicou entre outras coisas, na necessidade de contínuas dragagens realizadas de fins do século XIX ate o ano de 1972. Do ponto de vista urbanístico a mais impactante mudança foi o Projeto de Urbanização da Coroa do Meio (Wanderley, 2006).

Em 1977, na Coroa do Meio, durante a administração do então prefeito João Alves Filho, foram aterrados e terraplanados canais de mangues, restinga, manguezal e construído um cais à margem direita do rio. Essa abrangente intervenção, em local ecologicamente frágil, associada ao atraso na implementação de medidas compensatórias (Wanderley, 2006), foi responsável em grande medida, pela desfiguração ambiental e gasto elevado de recursos do estado.

O resultado de tamanho descalabro não poderia ser outro se não a degradação desse ambiente hídrico. Diversos indicadores demonstram que rapidamente o rio Sergipe deixa de ser fonte de beleza e vida se transformando em veiculo de doenças e contaminação.

Análises realizadas no rio do Sal, rio Poxim e Rio Sergipe, *na região estuarina no entorno de Aracaju*, apresenta níveis preocupantes no tocante a oxigênio dissolvido, nitrogênio e surfactantes, todos parâmetros indicadores de poluição. No tocante ao oxigênio, os três rios apresentam sinais de poluição, particularmente o rio do Sal e o Poxim. O primeiro com níveis de oxigênio acima do recomendado (a jusante da Estação de Tratamento de Esgoto de Aracaju – ETE). O segundo com problema inverso, níveis de oxigênio próximos de zero (anoxia) na região sob influência dos dejetos do DIA (Alves e Garcia, 2006).

Em relação à presença de nitrogênio (N-amoniacal) os valores do rio do Sal e Poxim denotam ambientes poluídos em processo de eutrofização. Quanto aos surfactantes os rios Sergipe e do Sal apresentam as mais altas concentrações. O rio Poxim atinge níveis considerados letais a vida aquática (Alves e Garcia).

Afora os indicadores químicos, marcadores biológicos também apontam sinais evidentes de poluição. Pesquisas no estuário do Rio Sergipe entre os anos de 1977 e 2002 apresentam sinais claros de deterioração. Em 1977/1978 análises de amostras de plâncton detectaram valores dentro da normalidade com predominância dos Copepoda (*organismos holoplanctônicos, importantes para cadeia trófica*), em torno de 50%. Entretanto, as amostras de plâncton pesquisadas entre os anos de 2001 e 2002 revelaram a presença de protozoário Favella ehrenbergii em valores próximos a 80% e uma diminuta presença dos Copopeda, menos que 10%, indicador de ambiente poluído (Araújo, 2006).

Esses dados do estuário são por demais preocupantes. Por sua riqueza biótica e *complexidade ecossistêmica*, os estuários são grandemente responsáveis pela sustentação de *conjuntos de espécies de peixes (ictiofauna)*, algumas exclusivas desse ecossistema (Araújo, 2006; Alcântara, 2006). Estudos anteriores da fauna de peixes do estuário do rio Sergipe explicitam sua riqueza, comportando 136 espécies, agrupadas em 50 famílias, indicadores elevados mesmo quando comparados a outros ambientes (Alcântara, 2006).

Infelizmente a riqueza da *ictiofauna* do seu estuário tem sido duramente atingida. Desde 2004 ocorre mortandade em massa de peixes no rio do Sal. Amostragens de locais diversos dessa *ictiofauna*, realizadas em janeiro de 2004 apresentaram diferentes espécies de peixes com erosão das nadadeiras, um sinal de *estresse crônico*, cuja evolução pode acarretar sua destruição completa (Alcântara, 2006).

Outro elemento denunciador das agressões sofridas pelo rio Sergipe é os manguezais presentes no seu estuário. Nunca é demais destacar a enorme importância do mangue para a fauna e flora dos estuários, águas costeiras e como fonte de alimento e renda para as populações em seu entorno. Infelizmente, a exemplo dos outros aspectos relatados anteriormente, os manguezais têm sido destruídos pela conjugação da ação imobiliária e poluição (Landim e Guimarães, 2006).

O cheiro fétido, a morte de árvores do mangue pela ação de algas e os níveis elevados de contaminação por coliforme fecais, presentes na água e ostras, na Praia 13 de Julho, evidenciam o descaso ambiental. Colocam em risco não só a riqueza biótica do estuário e faixa costeira, como inviabiliza uma importante fonte econômica e de proteína, potencialmente geradora de trabalho, renda, e lazer. (Landim e Guimarães, 2006).

Todas as informações que emergem em função da publicação dessas pesquisas tornam público a premente necessidade da substituição de um certo modelo de desenvolvimento megalomaníaco, socialmente injusto e ecologicamente insustentável.

No exato momento em que o governador João Alves combate corretamente, a transposição do rio São Francisco, ele se esquece de dizer que ela já ocorre. Diariamente as adutoras transpõem 206.755 m3 de água do São Francisco para diversos municípios sergipanos. E no que depender das ações do governo estadual a intenção é ampliar essa transposição: Do contrario como explicar a propalada estrutura que existe sob a ponte Aracaju – Barra dos Coqueiros, especificamente para receber uma adutora?

É tão incorreto construir novas transposições do Velho Chico como ampliar as que já existem. É preciso fundamentalmente revitalizar os rios, avançando no uso sustentável dos corpos d' água. Os dados apresentados são incontestáveis. O rio Sergipe morre um pouco a cada dia e não é por falta de informação e recursos, mas por falta de vontade política, ou melhor dizendo, pela presença de uma ação de governo monolítica e míope que aposta unicamente na engenharia quando o problema é essencialmente de pedagogia.

Revitalizar nos recursos hídricos, especialmente a bacia hidrográfica do rio Sergipe, é algo que diferentemente do rio São Francisco, está a altura do governo estadual que nesse quesito deixa muito a desejar. No momento em que a tecnologia avança para tratamentos de efluentes visando a retirada de contaminantes não eliminados pelos métodos convencionais, em Sergipe sequer ocorre de forma satisfatória o tratamento básico.

Por fim, fica evidente; mais do que discurso vãos, precisa haver VONTADE DE FATO. Uma ação integrada do governo estadual, instituições de pesquisas, iniciativa privada e população, poderá em tempo curto restabelecer os parâmetros de vida ao nosso rio Sergipe, contribuindo verdadeiramente, com a tão propagandeada revitalização do *rio da unidade nacional.*

**Doutor em Ciências Sociais pela UNICAMP*
fredericoromao@uol.com.br

Compartilhe nas redes: